

Xistossomose fecha ciclo e condena futuro lago

O futuro Lago São Bartolomeu, apontado como a solução para pôr fim ao racionamento de água em Brasília, pode tornar-se inviável. A constatação é do diretor do Hospital Regional de Planaltina, o sanitarista Camargo Alberto Camargo. Um dos ribeirões que formariam o novo lago, o Mestre D'Armas, está completamente poluído, e hoje, segundo os últimos levantamentos, está infestado de caramujos portadores da esquistossomose.

A poluição começou há cerca de quatro anos, quando o lago de oxidação, destinado a abrigar os dejetos provenientes dos esgotos da cidade-satélite, foi desfeito e o ribeirão D'Armas passou a ser utilizado como ponto final das fezes e demais poluentes domésticos. "Toda essa situação é fruto do descaso da Caesb", afirma Camargo.

Em 1979, um estudo realizado pelo médico sanitarista Simões Barbosa constatou a presença de esquistossomose em Planaltina. Na época, ainda existia o lago de oxidação, e a doença restringia-se, principalmente, aos imigrantes nordestinos. Hoje, segundo Camargo, "é difícil prever a extensão de contágio do verme, mas a cada mês recebemos um número maior de casos", esclarece.

D'ARMAS

O ribeirão D'Armas será o principal afluente do Lago São Bartolomeu. Cortando a cidade de Planaltina ao meio, muitas famílias utilizam-se dele para lavar roupas e cozinhar os alimentos. É o caso do chacareiro José Oliveira da Costa. Com os quatro sobrinhos, filhos da irmã mais nova, e sua mãe, Alexandrina, de 79 anos, ele foi obrigado a mudar sua rotina.

"Eu já cheguei a pescar nesse córrego, mas, depois que começou esse mau cheiro e as crianças ficaram cheias de feridas, nem ponho os pés na água", relata. A solução encontrada por Oliveira foi cavar um buraco bem fundo e fazer uma cisterna. Mesmo assim, ele está consciente de que não se livrou da contaminação.

Alexandrina faz questão de mostrar algumas marcas nos braços e nas pernas que ela de-

fine como "problemas da água". As crianças andam sem calçados e Luciano, o mais novo, com 5 anos, ostenta uma barriga inchada, um dos sinais da presença da esquistossomose. Os animais domésticos, cães, gatos e galinhas, mantêm-se em contato permanente com o córrego.

Há menos de duzentos metros da chácara de Oliveira, a poluição fica mais patente. Nos locais onde o ribeirão possui largura maior, a força da água ainda consegue carregar as fezes. Porém isso não acontece onde ele é mais estreito. Júlio Vicente de Oliveira, 63 anos, conhece bem essa realidade.

Sobre a água forma-se uma grossa camada verde, que causa confusão entre o que é ou não vegetação. "Tem gente que pesca no córrego e vende para a população", fala Júlio, mostrando o lugar onde costumam deixar as canoas. Ele se utiliza do mesmo expediente do seu vizinho e se abastece por intermédio de uma cisterna.

O mau cheiro fica pior por volta das 18h. Oliveira explica que isso ocorre com "a carga vinda do Hospital Regional". As reclamações encaminhadas ao escritório da Caesb em Planaltina não surtiram efeito, e os moradores das margens do ribeirão já pensam em se mudar. "Tenho filho para criar e não dá mais para ficar correndo com eles para o médico", fala Maria do Carmo em tom de desabafo.

ESGOTOS

O diretor do Hospital Regional de Planaltina, Carlos Alberto Camargo Campos, só encontra um culpado para o aumento dos casos de esquistossomose: a Caesb. "O órgão teria que ter feito uma previsão do crescimento populacional e ampliado a rede de esgotos. O despejo de dejetos sem tratamento no ribeirão causa graves problemas à saúde da comunidade", critica.

Com a elevação de 15 mil para 80 mil habitantes, o lago de oxidação não teve condições de suportar a carga de esgoto diária. A função de "limpar" os dejetos ficou inviabilizada. Logo o mau-cheiro tomou conta da cidade, começando as pressões

para que o Governo resolvesse o problema.

"A solução apresentada foi deslocar o esgoto para o ribeirão Mestre D'Armas. Em pouco tempo ele ficou poluído e, o que é pior, a população que usa sua água corre o risco de contaminação", afirma Camargo. O quadro na Vila Buritis II, que não possui canalização, é ainda mais obscuro.

ABANDONO

Greice Jane Lopes tem 13 anos. O corpo magro e a baixa estatura fazem avaliar menos. Talvez uns nove anos de idade. Ela define com precisão o quadro de abandono de Planaltina. Residente próximo ao extinto lago de oxidação — a menos de 6 metros de distância — Greice é responsável pelos dois irmãos mais novos.

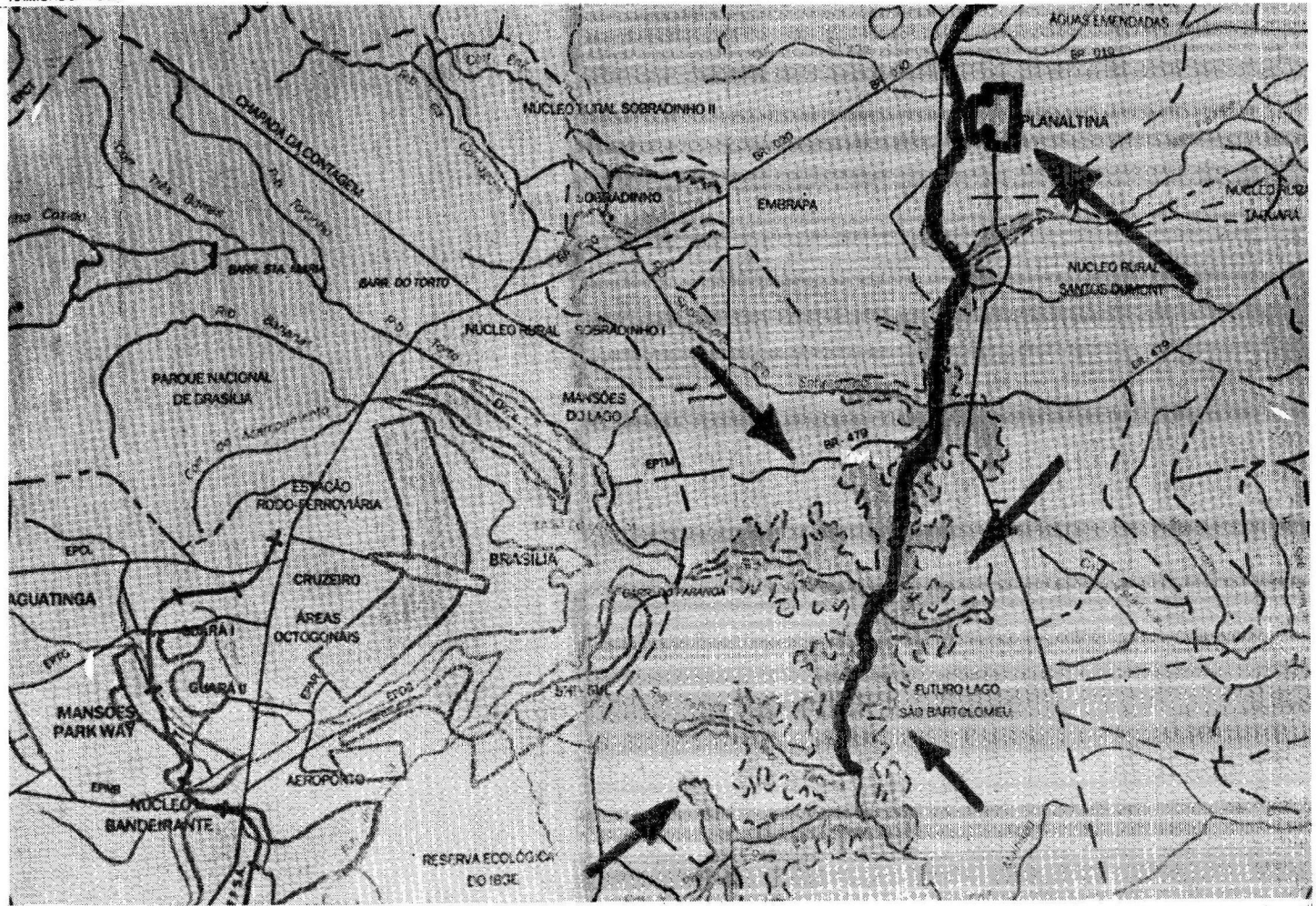
Inconsciente do perigo de brincar na água de esgoto, que corre abundante na rua, ela não orienta Cleide nem Cláudio que, descalços, entram e saem da sujeira sem constrangimentos. Para beber, a família usa a cisterna de uma vizinha que, segundo Greice, "é o único local de água limpa no bairro". As inflamações nas pernas e a barriga saliente indicam o possível contágio com os vermes e as doenças.

LAGO DE OXIDAÇÃO

O lago de oxidação de Planaltina tinha capacidade para atender a 15 mil pessoas. Com a expansão da cidade-satélite, através da Vila Buritis, começaram os problemas. A população aumentou para cerca de 55 mil habitantes e, com a implantação da rede de esgoto no novo bairro, o lago não conseguia mais realizar o trabalho de oxidação do lixo.

"Existem pressões para que construam esgotos na Vila Buritis II. Quando isso for feito, a situação no Mestre D'Armas ficará insustentável, porque, a permanecer a atual estrutura, sem tratamento, todos os dejetos serão despejados nele", salienta Camargo. E conclui: "Se não forem tomadas medidas imediatas, Planaltina pode vir a ser um dos grandes focos de esquistossomose do Brasil".

RAIMUNDO PACCO

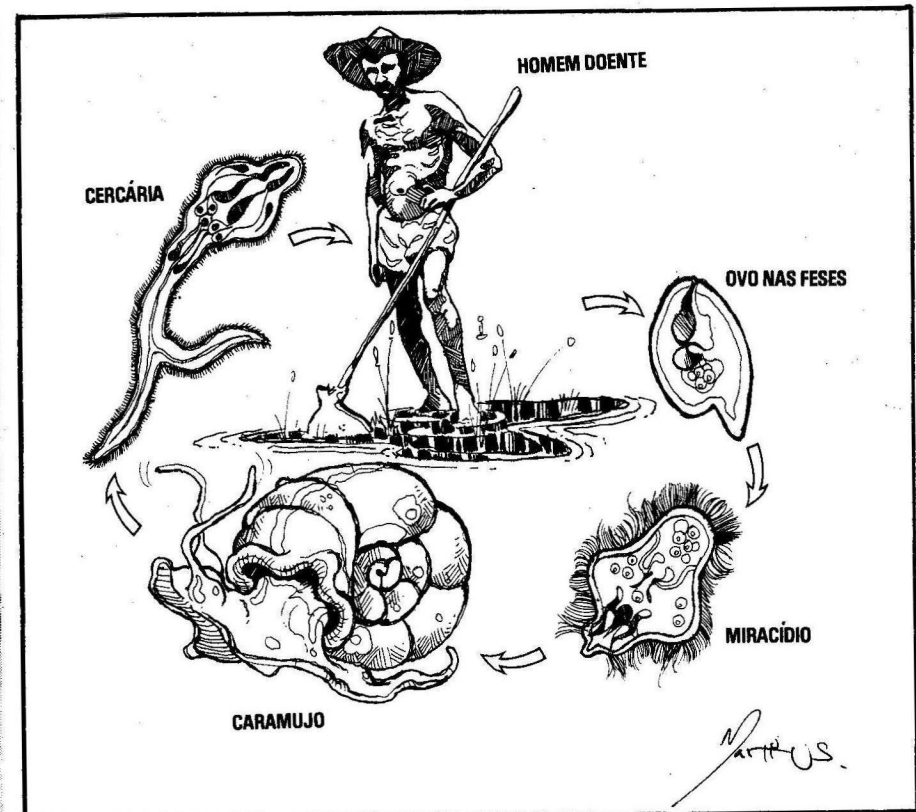


O ribeirão Mestre D'Armas (no destaque), totalmente poluído, será um dos principais tributários do Lago São Bartolomeu

FOTOS: VALDIR MESSIAS



Até cisternas da margem estão contaminadas



O ciclo de reprodução da esquistossomose foi completado em Planaltina